

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 27

DOMINGO-13 de Dezembro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

NATAL PORTUGUÊS

VEM aí o Natal! Eis uma palavra de indizível emoção que acorda na nossa alma cristã sentimentos da mais pura unção religiosa, da mais terna evocação da lareira patriarcal, onde, mansamente, suavemente, cada um de nós se fez homem e sentiu a ventura imensa de comungar na festa adorável do nascimento do Menino-Deus.

E' preciso que a Natividade não perca, em nossos corações, o seu ardente significado espiritual. Que Ela se não abastarde, isto é, que seja sempre a expressão verdadeira do nosso querer de cristãos e católicos, de homens que não obliteram a sua qualidade de portugueses, filhos de uma Nação fiel aos princípios bebidos no Lar e na Igreja de Deus.

Por muito belas, enternecedoras que se nos afigurem as imagens que do Natal recebemos da terra estrangeira, elas não podem, de algum modo, totalmente corresponder à nossa sede de religiosidade, ao nosso lídimo conceito — que tem as suas raízes próprias — de um Natal de discreto lirismo, de ingénua figuração do Milagre suavíssimo da terra sagrada de Belém.

Assim se nos volva a imaginação para o quadro amorável dos presépios — esses pequeninos altares que são como inocentes brinquedos para as crianças e imagens delicadas de perfumada poesia para a sensibilidade dos homens de muita idade.

Não esqueçamos que a tradição do presépio é antiquíssima

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Governador Civil

Esteve em Lisboa, onde tratou de assuntos de grande importância para a nossa província, o sr. Eng. Manuel de Sárrrea Mascarenhas Gaivão, ilustre Governador Civil do Algarve.

COMPARTICIPAÇÕES

para estradas algarvias

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo de Melhoramentos Rurais, as seguintes comparticipações, para reparação e construção de estradas algarvias:

As Câmaras de: *Albufeira*, 95.100\$ para reparação da estrada de Albufeira a Pera, por Vale da Parra, 5.ª fase; *Aljezur*, 60.000\$00 para construção do caminho de Odeceixe à praia de Odeceixe, 2.ª fase; *Alportel*, 100.000\$ para construção da estrada de S. Brás a Parises, lanço de Alportel à Cova da Muda; *Lagos*, 150.000\$00 para reparação e beneficiação do caminho que liga as estradas nacionais n.º 125 e n.º 120, passando por Sargaçal, 1.ª fase; *Portimão*, 114.000\$00 para reparação e beneficiação do lanço entre a Peninha e Portimão da estrada da Peninha à estrada nacional n.º 269, 1.ª fase; *Armazão de Pera*, 3.ª fase; *Silves*, 150.000\$00 para reparação da estrada entre as estradas nacionais n.º 269 e n.º 125, lanço de Pera ao Barranco de Espiche, 1.ª fase, e *Vila do Bispo*, 64.200\$00 para construção do caminho de Vila do Bispo à praia do Castelejo, 5.ª fase.

Crónica de Lisboa

PALAVRAS DE SAUDADE

A TRAGÉDIA da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata confrangeu o País inteiro e trouxe-me uma profunda mágoa.

Professor, desde que vim para Lisboa, do seu Curso de Educação, muitos dos que lá morreram foram meus alunos e eram meus amigos. Destaco agora para aqui o nome de três, sem monospreszo pela memória dos restantes.

Frederico, o conhecido jogador do Oriental, frequentava o Curso no ano corrente. Modesto, simpático, correcto, criava um amigo em quem o conhecia. Tinha uma filhinha de dois anos, que cegara havia pouco. Os seus tormentos só o podem avaliar os que são pais; os que sentem redobradamente no coração as desgraças dos filhos.

«Paizinho, dizia-lhe ela no seu chilreio, não te vejo». E nunca mais o verá ainda que a vista lhe volte. Para sempre se lhe foi o seu grande, o seu maior amigo.

Na manhã do dia da sua morte, foi treinar-se como habitualmente fazia.

«Não vás hoje à Fábrica» disseram-lhe os seus companheiros de turma.

«Não, retorquiu ele, enquanto trabalho, espairoço mais a minha aflicção».

A morte marcara-lhe encontro para aquele dia, que era o primeiro em que trabalhava naquela oficina.

Manuel Alves dos Santos fizera comigo os dois exames no ano lectivo findo.

Pessoa de saúde precária queixava-se imenso da cabeça, pois sofria de sinusite. Bastantes vezes me pediu licença para sair mais cedo, a fim de comprar medicamentos para sua mãe, permanentemente doente.

Via-se que na mãe se encravavam as suas maiores preocupações. E ela, velha, doente, ficou e ele lá seguiu, deixando-a mais abandonada e cheia de angústia.

José Ferreira fizera comigo

O DIA DA MÃE

Comemorou-se, no passado dia 8, mais um dia da Mãe.

Mais uma jornada glorificadora de toda a mulher que, ao abraçar a missão maternal, soube corresponder ao mandato de Deus, e pela vida fora continuou sempre escrava do sublime dever de se sacrificar pelos filhos, ora guiando-os para os melhores caminhos da vida, ora velando por eles nas horas de perigo ou de amargura.

Que naquela data evocadora todos os filhos mais vivamente o recordem e para Elas voltem, com mais expansiva ternura, o seu coração agradecido, eis o apelo que lhes dirige, como é já tradicional, a «Obra das Mães», certa de que ele ecoará como sagrado aliciamiento na alma de quantos tiverem a graça de gozar na vida os desvelos de sua Mãe.

FOR
TRINDADE E LIMA

os seus dois exames, há já anos. De todos os alunos que tenho tido, aquele era o mais idoso.

Quando conversávamos dizia-me, com comovimento humilde: «Nunca frequentei uma escola, senhor professor. Meu pai morreu-me, era eu criança e tive de ajudar minha mãe a criar os meus irmãos, mais no-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Dr. Júlio Dantas

O nosso ilustre comprovinciano e eminente escritor Dr. Júlio Dantas, foi novamente eleito para presidente da Academia das Ciências, que vem desempenhando com inexcédível competência a bem da cultura do nosso país.

«Notícias do Algarve», sinceramente felicita o sr. Dr. Júlio Dantas.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

“MARROCOS ANDALUZ”

III

Em 2.500 antes de Cristo, fundiram-se as tribos tartéssias numa nação civilizada, com a capital *Tartis* ou *Tartessos* perto das margens do Guadalquivir; e inventaram uma escrita com a qual teriam notado em verso as suas leis. Desta segunda época, dataria um novo tipo de sepulcro que ficou todavia limitado ao âmbito do país tartéssio: é o sepulcro de falsa cúpula circular e com uma espécie de abóbada de degraus que se apoiam e vão reduzindo em círculo.

Traço característico eram os enormes rebanhos de toiros que pastavam nas margens do Guadalquivir.

«E' muito possível, quase seguro, que este reino tartéssio compreendesse e englobasse o actual território do Marrocos califiano, pois em *Mzora* (*Yebala*) há um dólmen típico. E no Museu Arqueológico de Tetuão pode ver-se uma efígie de bronze encontrada em *Larache* e que representa o deus local de Marrocos, que era *Oceano*, — precisamente o mesmo *Oceano* que era o deus local de *Tartessos*. Tão pouco seria impossível a origem tartéssia da cidade de *Tamuda*, próxima e predecessora da actual *Tetuão*».

No ano 1600 antes de Cristo, apareceram os fenícios na nossa Península, e precisamente nas costas de *Tartessos*. Ora nesse mesmo ano havia penetrado nas terras da *Síria* e da *Palestina* uma grande invasão de tribos semitas pertencentes a raças diferentes da raça fenícia. Os fenícios, que ocupavam a estreita faixa entre o *Libano* e o mar, viram-se então forçados a intensificar a sua expansão pelo *Mediterrâneo*; e a cidade de *Tiro* tornou-se o

UM MORTO QUE VIVE

FUI, efectivamente, uma grande e comovedora consagração nacional a inauguração, em Loulé, do grandioso e expressivo monumento, erguido à memória de Duarte Pacheco, o notável Ministro das Obras Públicas, que a morte tão trágicamente arrebatou à vida, em plena mocidade, quando do seu dinamismo e inteligência tanto ainda havia a esperar.

Erguido a expensas de todos os municípios do País, por iniciativa da Câmara Municipal da sua terra natal e com a colaboração de todos os artistas que mais de perto trabalharam com Duarte Pacheco, o novo monumento ficará, pelo tempo fora, a gritar bem alto o agradecimento dum Pátria, ao homem que tão desinteressadamente, tão amorosa e dedica-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

centro e a capital de todas as cidades autónomas e inquietas que formavam a Fenícia.

Todos conhecem os fenícios, comerciantes e civilizadores, que inventaram um alfabeto fonético, o vidro de cores, a púrpura, a indústria em série e o comércio em larga escala. Hábeis, pacientes, amáveis, sensuais; navegadores ousados e peritos, correndo o mundo nas suas cascas de noz; mercados por instinto, que em qualquer penhasco fundam uma feitoria e em qualquer buraco uma loja, gostando das ilhotas litorais, onde levantavam casas altas e estreitas, de cinco andares.

Sobre a origem, porém, dos próprios fenícios é que reinava obscuridade; mas modernamente ter-se-ia tornado evidente que tal origem se encontraria na *Arábia do Sul*, tanto pelos costumes, como pelo curioso facto de os fenícios se esforcarem instintivamente por reproduzir em todas as suas emigrações a paisagem da *Arábia do Sul*.

Quando se fala da *Arábia*, acode à imaginação a *Arábia* pitoresca do deserto, do camelo e da palmeira. Mas há outra *Arábia*, muito diferente desta central e continental, do nomada e da caravana. É a *Arábia* litoral, do mercador e marinha, a *Arábia* que se ergue sobre as costas recortadas da península e sobre as suas ilhotas, onde se levantam cidades numerosas, de casas muito altas e estreitas, feitas de pedra coralina, cheia de milhares de buracos. Ninguém pensa em geral nesta *Arábia* de coral e arranha-céus, que foi célebre

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

Nos últimos dias, a chuva não tem parado. Cai, em bategas sucessivas, como quem sofre um mal e procura acabar com aquilo o mais rapidamente possível. Viaja em longos combóios negros, que se vão desfazendo aos poucos sobre a cidade. Chega por cima do casario e, de repente, como um milhafre, mergulha contra o pavimento e os telhados.

Aproximo-me da janela. Uma pontinha de febre excita-me. Vem, do jardim em frente, o cheiro gostoso da terra molhada. Sabem como é? E' qualquer coisa como levantar o chão com raízes e tudo. Qualquer coisa como sentir a morte verdadeiramente irreal. Verdaderamente invenção humana. Qualquer coisa como vir do subterrâneo e estender para as estrelas os braços cobertos de folhas, de terra e de serenidade. Aperto a mim o menino enfezado, descalço, menino do refúgio; o homem sem emprego, com o peito a ver-se pelos rasgões da camisa, molhado até aos ossos; a professorinha pálida, cobrindo a palidez e a tosse com um guarda-chuva minúsculo, de brinquedo. Aperto-os, a mim, levo-os para onde não há fome, nem frio, nem indiferença.

A ponta de febre excita-me. Não apenas a febre. Também o cheiro da terra. E' preciso escutar o apelo que vem do mais fundo da terra. Que vem do mais fundo de nós próprios.

História

Para não estragar o verniz das unhas, cozem as batatas com a casca. O marido nem sequer lhes toca. Não gosta das batatas com casca. Ela começa a achá-lo despotico. Ele começa a achá-la vaidosa. Desilusão. O folhetim burguês principiou. Continua no próximo número.

Esta não me pertence

Pois não, mas é terrivelmente verdadeira. Diz assim: «Começa-se por dar canhões aos meninos; acaba-se por dar meninos aos canhões.»

Apontamento

Pobrezinha dela. E é tão rica, tão rica... Quando aparece algum pretendente, os pais tiram rigorosas informações. Há vinte anos que os pais tiram rigorosas informações. Rigorosas. E é tão rica, tão rica... Pobrezinha.

Cândido

Com um avião de bombardeamento gasta-se o equivalente a não sei quantas escolas, quantos hospitais, quantos tractores. Cândido, de Voltaire, perguntaria: Mas... porque se prefere o avião?

EXAMES

de Ensino Primário Elementar

em Vila Real de Santo António

Realizam-se, no próximo dia 15 do corrente, às 9 horas da manhã, na Escola Masculina, desta vila, os exames para os indivíduos inscritos nos Cursos de Educação de Adultos e da Campanha.

Todos os indivíduos propostos e os requerentes devem comparecer, no dia e hora acima indicados, na referida escola.

Noticiário da Província

SILVES

No passado dia 28 de Novembro, inaugurou-se a nova Pensão Herme-negildo, tendo sido servido aos numerosos convidados um excelente copo de água.

A nova pensão, de que há muito se fazia sentir a falta, encontra-se instalada num belo edifício, na parte baixa da cidade e oferece boas comodidades e conforto, graças às boas obras e benéficas feitas pelo seu proprietário.

Não fazia sentido que Silves continuasse sem uma pensão capaz e confortável, quando, há anos passados, teve dois bons hotéis.

A esposa do sr. Franklin Alves Jôia, teve o seu bom sucesso dando à luz uma interessante criança do sexo masculino.

Parabéns a seus pais.—C.

PORTIMÃO

Hospital da Misericórdia de Portimão

No boletim discriminativo das actividades deste hospital e relativo ao mês de Outubro, nota-se que foram prestados 986 serviços diversos, entre eles 137 consultas e 591 tratamentos; 97 tratamentos de urgência e 11 operações; 10 intervenções de pequena cirurgia, 11 radiografias e 47 análises. Sairam com alta 59 doentes e faleceu 1. Transitaram 24 doentes do mês anterior, entraram 58 durante o mês e transitaram 22 para o mês seguinte.

Clube Fraternidade Recreativo

No 45.º aniversário desta simpática colectividade, bastante animado com a presença da Orquestra Império, de Faro, estiveram presentes os populares artistas da Rádio, Tília Pedroso e Eduardo Futre, que deliciaram a assistência com as suas magníficas interpretações.

Falecimentos

D. Benilde Maria de Almeida Carmo

Na sua residência e após prolongada doença, faleceu no passado dia 3, a sr.ª D. Benilde Maria de Almeida Carmo, natural de Portimão, com 74 anos de idade, mãe do sr. Manuel de Almeida Carmo, funcionário da firma Bivar & C.ª, e esposa do nosso amigo sr. Alberto Carmo, ex-regente da Filarmónica Portimonense.

No funeral da extinta, que gozava de gerais simpatias, incorporaram-se inúmeras pessoas amigas, que de todos os modos manifestaram o pesar que o infáusto acontecimento lhes causou.

À família enlutada apresenta «Notícias do Algarve», a expressão sincera do seu pesar.

D. Ana B. de Mascarenhas Pacheco

Na vila de Monchique, faleceu, no dia 27 do passado mês, a sr.ª D. Ana Bárbara de Mascarenhas Pacheco, de 86 anos de idade, tendo-se realizado o funeral no dia seguinte, para o cemitério local, no qual ingressaram inúmeras pessoas das relações da extinta e de sua família.

Era mãe do sr. Dr. António Teixeira Gomes, sogra e tia da sr.ª D. Maria Bárbara Valadares Mascarenhas Pacheco Teixeira Gomes e avó dos srs. José Pacheco Teixeira Gomes e António Valadares Pacheco Teixeira Gomes, a quem apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

Notícia pessoal

De visita a sua família, encontra-se entre nós o popular Hilário, jogador que foi do Portimonense Sporting Clube, na época passada.

A Hilário, nosso prezado amigo, desejamos boas vindas.

Quem perdeu?

Encontra-se depositado no posto da G. N. R., desta cidade, um relógio de pulso para homem, que será entregue a quem provar pertencer-lhe. O objecto foi encontrado nas proximidades do Cine-Teatro, em Agosto, por um indivíduo que se encontra preso em Monchique e declarou tê-lo encontrado no local e data indicados.

Também na Redacção do nosso prezado colega «Comércio de Portimão» se encontra um colar de pérolas, achado que será entregue ao seu possuidor, após as devidas identificações.—C.

O SENHOR VENTURA

Uma graciosa comédia que todos devem ver

GAZETILHA A RÉCITA

Haja alegria, senhores, o teatro de amadores vai ressurgir entre nós! Vamos ter forte viragem depois de longa paragem que já nos parecia atroz.

É que a terra, não é terra, se unicamente se aferra à velha dança da bola: ri-se, ganha-se a partida, mas a derrota, em seguida, tudo e todos desconsola...

Com o teatro é diferente, instrue-se bastante gente, quem vê e quem representa, sem vitórias, sem derrotas, não mete bolas, nem botas, nem a pancada nos tentos!...

Está no fim o ensaio da peça e de bilhetes começa a registar-se procura; afinemos a memória: a récita, é no Glória e a peça «O Senhor Ventura»!

BIN OCLO

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Afonso Viegas de Silva Félix requereu licença para instalar um forno de pasteleria, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situado na Rua Francisco José Guimarães, n.º 13, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 3 de Dezembro de 1953.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição, João António da Silva Graça Martins

AOS NOSSOS ASSINANTES

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 3.ª Série do «Notícias do Algarve», n.º 21 a 30, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22 Vila Real de Santo António

Assinal «Notícias do Algarve»

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, foi a Lisboa consultar a medicina, tendo já regressado, o nosso prezado amigo, sr. Manuel José Gomes Rodrigues.

Rerirou para Castro Verde o nosso querido amigo e assinante, sr. Flaminio José Gil, muito competente funcionário da F. N. I. M., que durante alguns meses nos deu o prazer do seu agradável convívio.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Cap. António Gonçalves.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa.

Regressou de Madrid o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Aguedo Afonso Gomes, que foi representar a Ala 6.ª da Mocidade Portuguesa, no Concurso Internacional de Trabalho, realizado naquela cidade.

Depois de alguns meses de permanência em Lisboa, onde foi submetido a uma melindrosa operação, já se encontra nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Rogério Glória Coelho.

Deu-nos o prazer da sua visita, à nossa redacção, o nosso querido amigo e assinante, sr. João Rodrigues Varela, digno Secretário da Casa do Povo da Luz de Tavira.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo, sr. Alvaro José da Trindade Cid, viajante da firma João Camilo Alves, residente em Évora.

Encontra-se já entre nós, de volta da capital, onde esteve em tratamento, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Fernando Morais Rodrigues.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. António Domingues Guerreiro, funcionário superior da firma Soc. Acc. Angelo Paródi fu B.ºº.

Casamento

Na igreja de S. Francisco, realizou-se, no passado dia 8, em Faro, com toda a solenidade a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Sanches Ramires, gentil e prendada filha da sr.ª D. Maria del Carmen Ortigão Gomes Sanches Ramires e do sr. Mário Garcia Ramires, importante industrial, com o sr. João Luís Salema de Carvalho Cordeiro, oficial da marinha mercante e director do nosso prezado colega «O Castelvi-dense», filho da sr.ª D. Maria Luisa Salema de Carvalho Cordeiro e do sr. Eng. Alexandre Oscar Durão de Carvalho Cordeiro, já falecido.

Paraninaram o acto, por parte da noiva, seus pais e, por parte do noivo, sua mãe e o sr. Dr. Gonçalo Pessanha da Gama Coutinho, distinto clínico em Tavira.

Finda a cerimónia foi servido na Pousada de S. Brás um finíssimo lanche aos convidados.

O novo casal, a quem desejamos todas as venturas de que são dignos, fixa a sua residência em Lisboa.

Agradecimento

Luiz Romero Amor vem, muito reconhecido, agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir à missa, que se realizou no passado dia 5 do corrente, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em sufrágio da alma de sua extremosa irmã, Dona Maria de los Dolores Romero Cruz, falecida em Madrid.

Igualmente testemunha o seu reconhecimento a todas as pessoas que lhe apresentaram os seus pésames, quer por escrito ou verbalmente.

No próprio interesse de V. Ex.ª consulte sempre a

TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

PARA SI, minha Senhora

O QUE "ELES" VÃO USAR

por Noémia Gil Faria

TAL COMO acontece às modas para as senhoras, também as dos cavalheiros sofrem as suas transformações, embora menos acentuadas do que as femininas. Talvez a alguém pareça um pouco despropositado falar das modas masculinas nesta secção. Mas quem se há-de interessar pelo que os maridos, os pais, os noivos ou os irmãos vão comprar, senão as senhoras? Como saberão eles o que se usa, se nós não lho dissermos?

Houve, agora, em Paris, duas importantes passagens de modelos, uma no Moulin Rouge e outra no Apollo. Garbados manequins masculinos (uma nova carreira que se abre aos jovens bem parecidos) passaram os modernos conjuntos, os novos chapéus e o novo calçado. Os pontos mais importantes, que se observaram nestas passagens de modelos, foram os seguintes: os casacos bastante mais curtos e com a cintura ligeiramente vincada; os ombros normais, a supressão da costura central das costas; bandas ponteadas nos fatos mais elegantes; coletes de fantasia com dez botões; colete de «smoking» em cetim; sobretudo com os botões escondidos; abandono dos cinzentos (que pareciam bem seguros no favor da moda) pelos castanhos e pelos verdes; sucesso completo dos tecidos às riscas, desde as miúdas, chamadas «mil-riscas», até às muito largas, às por vezes exageradamente largas.

Um sobretudo a três quartos, com as costuras do lado um pouco descozidas, para facilitar a subida para eléctricos ou auto-carros e num lindo tom de canela, guarnecido nas bainhas com três ordens de pespontos largos, agradou imenso aos assistentes. (Era, de resto, muito parecido com o casaco ligeiro das irmãs e das esposas desses senhores).

Os tecidos com mistura de «nylon» constituíram autênticas revelações, em fatos especialmente criados para a chuva. Com efeito, os novos tecidos, embora tenham a aparência das mais finas lãs, contêm uma quantidade tão elevada de «nylon», que podem andar à chuva sem que encolham, debotem ou se encarquilhem, desgraças frequentes até agora. Quanto às gravatas... que tentações! Aparte o discreto modelo de inspiração inglesa, com as suas riscas em diagonal, sempre bonito e sempre elegante, apareceram autênticas novidades. Destacaram-se especialmente as gravatas com o fundo quase liso, mas com desenhos miúdos, parecendo estar a desaparecer a tendência dos últimos anos para os luxuriantes modelos de gosto americano. As cores tenderam, em geral, para o cinzento e para os castanhos. Entre estes, apareceu também o feminino conhaque.

As camisas apresentadas eram quase todas em fio de «nylon», mas tão aperfeiçoado que mais parecia popelina. As riscas viram-se pouco, predominando a camisa de côr lisa. Os sapatos modernos são de feito muito simples, mas começam a alongar-se e a perder a forma redonda à frente, para terminarem em bico. Quanto ao chapéu, elemento hoje indispensável ao homem elegante, apresentou-se de copa mais baixa e de abas muito mais curtas. Como os modelos são um pouco ingratos para os rostos redondos, há ainda, todavia, uns quantos com as abas mais largas.

Os «smokings», que se continuam a usar com dois botões, lado a lado, apresentaram-se em dois modelos de golas diferentes. Uma com bandas ponteadas e outras em redondo, como se usa nos «robes».

Quanto às calças, embora pareçam iguais, são um tudo nada mais estreitas e curtas—à moda espanhola—prescindindo mesmo alguns modelos da clássica dobra. Aqui tem, minha senhora, o que os cavalheiros vão usar, em 1954. Logo ao serão, já tem uma conversa de modas que, ao contrário do que acontece nas outras semanas, também o vai interessar a «eles». Recomendamos-lhe, porém, que se não ria da copa mais baixa, da calça mais estreita, dos pespontos de sobretudo nem do colete com dez botões. Os homens, como as senhoras, têm direito a variar e a ter as suas modas, tanto mais que são eles, quase sempre, os pagadores das nossas muitas fantasias.

A moda criou para si, minha senhora...

...leites graduadas e de um feito especial. Aplicam-se directamente sobre as meninas dos olhos, sob as pálpebras. São absolutamente invisíveis e dispensam o uso dos inestéticos óculos...

...para usar no teatro ou no concerto, uma saia de tapeçaria preta, salpicada de rosas, com uma blusa de «jersey»

AGENDA

Movimento da Lota de Vila Real de Santo António de 4 a 10 de Dezembro:

Traineeiras:	
Raulito	14.365\$00
Flor do Sul	6.960\$00
S. Domingos	5.220\$00
Liberta	5.010\$00
Flor do Guadiana	4.970\$00
Norte	2.630\$00
Total	39.155\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 5 a 11 de Dezembro:

Entrados:	
CELESTE AIDA, Italiano, de 453 toneladas, de Setubal, com carga diversa.	
ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.	
SÃO MACÁRIO, Português, de 1037 toneladas, de Lisboa, vazio.	
CORVO, Português, de 773 toneladas, de Setubal, com carga diversa.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.	
GRANDSON, Suíço, de 616 toneladas, de Tanger, com carga diversa.	

Saídos:

SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério.
LUCIAN, Inglês, para Avonmouth, com alfarroba.
SKANSEODDE, Dinamarquês, para Berwick, com minério.
CELESTE AIDA, Italiano, para Genova, com escala por Marselha, com conservas.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
SÃO MACÁRIO, Português, para Lisboa, com minério.
CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal.
GRANDSON, Suíço, para Leixões e Genova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Dezembro a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Médicos:
Dr. Alonso Vasques
Dr. Reinaldo Fraseses
Dr. José Borges da Gama
Consultas grátis às Segundas, Quartas e Sábados.
Serviço permanente no Posto de Socorros.
Dr. May Viana — «Doenças dos Olhos»
Consultas aos segundos Domingos de cada mês.

LEXA
SOMBRAS DO MEU JARDIM
poemas de J. A. Mendes Leal
DISTRIBUÍDA PELA
Empresa Nacional de Publicidade

preto e um grande xale negro com uma enorme borboleta, trabalhada em lantejoulas prateadas...

...um «tailleur» preto com a gola, os punhos e um pequenino chapéu em pele de cabra branca...

...um vestido de «cocktail» feito em «tweed» pantera, com as manchas da pseudo-pele circundadas por lantejoulas douradas...

...chapelinhos redondos feitos de veludo e em que a fita de guarnição é substituída por uma tirinha de pele de vison...

...encantadores casacos de pele (imaginel!) de coelho. Este animal, que durante anos se disfarcou com os mais variados nomes, aparece agora em toda a sua beleza. Foi a Rainha Isabel II, da Inglaterra, quem, permitindo aos nobres da sua corte que substituíssem as peles de arminho dos mantos por peles de coelho, restituiu ao simpático mamífero a sua categoria. Em Paris, em Londres e em Nova Iorque pede-se, francamente, a pele de coelho. Os espirituosos pretendem mesmo que não faltará muito tempo para vermos, nas montras das lojas, peles de bichos mais raros disfarcadas de coelho, para terem venda mais fácil.

UM MORTO QUE VIVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

damente a soube servir até ao sacrifício da própria vida.

Ao olhar o lindo e significativo monumento, também nós podemos dizer com Salazar:

«Na verdade, há mortos que não morrem: desaparecem no seu invólucro terreno, na sua figuração humana, na fragilidade e nos defeitos e nas limitações da carne; mas o espírito continua a brilhar como as estrelas que se apagam no céu, há cem mil anos, vincam-se na terra os sulcos que o seu exemplo abriu e parece até que os seus afectos não deixam de aquecer-nos o coração. Nem de outra forma se compreendia que a Providência suscitasse tantas vezes almas extraordinárias, cumes de beleza espiritual e lhes não conceda mais que uma breve aparição, como vôo de asa que corta o céu, botão que murcha sem revelar ao sol da manhã o perfume da rosa.— Há mortos que não morrem e nós todos, que viemos de longe ou de perto em saudosa peregrinação, somos os que testemunhamos que este não morreu.»

Em boa e sã verdade, nestas palavras está o melhor, mais certo e alto elogio de Duarte Pacheco, aquele que se cifra na perene presença do grande Ministro entre nós.

Hão-de dobar os anos, caminharem gerações do berço para o túmulo, passarem talvez décadas sobre décadas e o nome de Duarte Pacheco há-de ficar a fazer jus ao anônimo agradecimento, porque na largueza sem par da sua razão de estadista excepcional soube construir para o futuro e deixar de si, para além duma obra notável, uma escola que é a garantia segura de que a sua acção prosseguirá.

“Marrocos Andaluz”

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

entre os gregos e romanos, que lhe chamavam país de mercadores e representantes de comércio,—a mesma Arábia que, desde os começos do tempo histórico, enviava os seus frágeis barcos até à Índia para trazer de lá as jóias com que se adornavam os faraós e os rezeiros mesopotâmicos e egeus, a Arábia dos reis e da rainha de Sabá, a Arábia dos pescadores de pérolas e de Sindbad o Marítimo.

É curioso observar, comprovativamente, como, ao chegarem, os fenícios, de tal proveniência, à Síria, tivessem desprezado as planícies e vales viçosos do interior e se tivessem vindo meter no sítio mais estreito e estéril, onde, entre a costa de altos alcantilados e o mar, apenas fica espaço para amontoar uns quantos povoados-fortalezas, muito estreitos e feitos à base de casas muito altas que parecem sair do mar. E quando, mais tarde, fundaram cidades no Ocidente (Cádiz, Argel, Melilha, Cartago) continuaram com a mania da ilhazinha litoral e das casas altas amontoadas.

Não é de esquecer a reveladora afirmação do célebre historiador grego Heródoto (que vivia no quinto século antes de Cristo): «Os fenícios vieram do Mar Vermelho, estabelecer-se no Mediterrâneo, 2.800 anos antes de mim». As posteriores investigações sobre este arabismo fenício podem cifrar-se por este dito do geógrafo orientalista actual, E. F. Gautier:

«Os velhos faraós do Egipto enviaram missões comerciais ao país de Pun ou dos aromas. Este nome de Pun tem sido comparado com o de Puni, nome dos púnicos ou fenícios. Emitiu-se a hipótese, bastante verosímil, de que a marinha fenícia tivesse tido a sua origem no Mar Vermelho. Em todo o caso, a identidade do género de vida é evidente entre os púnicos mediterrâneos e os himiaristas (árabes do Sul) que foram os fenícios do Oceano Índico.»

Como se disse, a cidade de Tiro acabara por predominar sobre todas as outras autónomas da Fenícia. E assim converteu a expansão comercial fenícia, que até então era dispersa, num verdadeiro império marítimo, segundo um plano maduramente meditado, e defendido por forças navais armadas, para cujo apoio teve de fundar bases navais.

Tiro, que nascera à sombra do santuário de Melkart, um herói divinizado (similar do Hércules grego mais tarde), tornara-se uma verdadeira Babilónia naval, rodeada de uma muralha de cinquenta côvados de altura e batida pelas ondas. Ora ao redor dessa ilha-cidade, estendeu-se o seu Império, numa gradação parecida à do Império Inglês dos nossos dias:

primeiro, concessões ou bairros especiais; a seguir, bases nas passagens de grande circulação: depois, colónias de exploração com indígenas, dominados, para o único fim de obter matérias-primas; finalmente, países de povoamento, «dominions» mais ou menos autónomos. Os tírios eram conhecidos por «os filhos de Melkart; e daqui teria nascido a lenda que dá Hércules como o primeiro conquistador de Espanha». No ano 1200 apresentaram-se os tírios nas costas tartéssias, e foram bem recebidos. Os tartéssios permitiram-lhes fundar pequenas feitorias no país, especialmente desde o ano 1100 antes de Cristo. Foram: Málaga, Motril, Adra, Cádiz, Alicante, Melilha, Ceuta, Tanger, Larache, Arzila, Salé.

Os tírios levavam para o Oriente os produtos que os tartéssios obtinham graças ao seu antiquíssimo comércio com a Inglaterra e com o Senegal (através do Saará, se não por via marítima). Chegou porém um dia em que quiseram participar nesse comércio. Os tartéssios opuseram-se, e então estalou uma guerra, no ano 900 antes de Cristo. Os tartéssios foram vencidos depois de uma batalha naval na foz do Guadalquivir, em que os navios tartéssios foram incendiados por um jogo de espelhos empregado pelos tírios, que em seguida se apoderaram de Tartessos, reduzindo-a à condição de um «dominion» com a capital em Cádiz, pondo depois, nos dois lados do estreito de Gibraltar, marcas para proibir e impedir a outros navegantes (especialmente os gregos) a passagem para o Atlântico. Era o «Non plus ultra». Verdadeira proibição, complicada com uma advertência de perigo de morte, pois deitavam a pique todo o barco que passava o limite, dizendo então que o tinham tragado os monstros do Oceano!...

«Isto deu origem a que a transbordante fantasia dos gregos forjasse depois mil lendas sobre a civilização tartéssia, perdida de pronto. A mais célebre dessas lendas foi a da Atlântida, de que Platão fala, e que Schulton demonstrou que corresponde a Tartessos.»

No ano 700, foi porém Tiro destruída por Nabucodonosor, imperador da Babilónia, depois de um cerco de treze anos. A maior parte dos habitantes fugiram previamente para Cartago, antiga colónia tíria, que agora herdava o seu poder. Assim, libertado dos tírios, os tartéssios, voltam a reconstituir o seu reino, incorporando-lhe agora Cádiz e as cidades fenícias do litoral.

Este novo reino tartéssio aparece na História com o nome de Túrduo ou Turdetano; mas apesar do novo nome é o mesmo Tartis, pois chegava ao Cabo da Nau, como antes.

Então aparecem na cena andaluza novos personagens. Eram os Gregos... Os gregos encontraram-se em Tartessos com um povo aberto, hospitaleiro e de bom-humor. Amizade curta mas fecunda, que culminou no reinado do rei tartéssio Argantonio...

Porém em 500 tornaram a voltar os tírios, agora tírios de África, néo-tírios, ou seja, cartagineses, que atacaram Tartis e destruíram a sua capital milenária, depois de um cerco

Holland-America Line
SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“Ablasserdyk”

carrega em LISBOA em 28 de DEZEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH AVON»—17 de Dezembro

«DUIVENDYK»—2 de Janeiro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

Natal Português

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

em nossa terra. Ela está presente na imaginação criadora dos nossos escultores-santeiros, esses inconfundíveis artistas que sabem, admiravelmente, interpretar a nossa sede de maravilhoso e de lirismo cristão.

Nas páginas bem castiças dos nossos melhores escritores descrevem-se, com infinita graça e beleza, as horas tranquilas e benditas da Natividade do Salvador. Lê-las e meditá-las não é apenas um prazer do espírito, mas, acima de tudo, um reencontro com o que há de mais puro, de mais vivo, na nossa própria alma de portugueses.

Santifiquemos e nacionalizemos o Natal—e não há contradição nesta afirmativa—pois a mensagem de Paz que o envolve, de que o presépio é sua imagem votiva e ardente, consta-nos a certeza de que só no verbo libertador de Cristo a Humanidade pode recobrar a sua Fé no Futuro e a perfeita fraternidade, indelévelmente gravada, nas letras sagradas dos Evangelhos.

Comemoremos o Natal como sinceros cristãos—ou seja, como verdadeiros portugueses, de hoje e de sempre.



a única lâmina que barbela toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41—Apartado 205—Porto

largo e empenhado, durante o qual se inventou o ariete ou viga de derrubar muralhas, a golpes. E foi o fim de Tartessos, essa cidade grande e opulenta que até hoje se não tem conseguido localizar ao certo...

(Continua)

Francisco Fernandes Lopes

CRÔNICA DE LISBOA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

vos do que eu. O pouquinho que sei, tenho-o aprendido aos baldões.

Houve serões nos trabalhos da Fábrica, com serviço pago a dobrar. José Ferreira, embora necessitando, não os frequentou.

«Quero preparar-me para os exames.»

Chegou a ir a minha casa e conheceu minha mulher e meus filhos.

Por isso, sempre que me encontrava, me perguntava com interesse pela «senhora e pelos meninos».

Não tinha filhos o José Ferreira. Deixou viúva que, para sentir mais a sua falta, ficou quase parálitica.

Que profunda mágoa senti pelo trágico fim de todos e que saudade tenho pela sua memória...

Sirvam estas palavras para o testemunhar.

Trindade e Lima

PESCA DO ATUM

O «Boletim Informador da Lota e Porto de Vila Real de Santo António» vai publicar brevemente um trabalho estatístico muito valioso: o movimento da lota de atum desde 1920, com o número de peixes e seu valor e os nomes dos compradores e das armações. É um trabalho não só de interesse estatístico como histórico que merece ser arquivado por armadores e industriais. A publicação far-se-á diariamente, custando a assinatura mensal 25\$00. Este trabalho não será reeditado.

CINE-FOZ

Espectáculos da Semana:

HOJE—O maravilhoso filme em agfacolor, *A Princesa das Czardas* a mais bela das operetas, com o desempenho de Marika Rokk, na sua coroa de glória.

QUINTA-FEIRA—Um programa italiano com uma das suas obras primas, *A Comédia e a Vida*, com Anna Magnani. Em complemento, o documentário, *Praias de Portugal*, com o Concurso de Construções em Areia na Praia de Monte Gordo.

Visado pela Comissão de Censura

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República—Telefone 12

Trespassa-se

A «Casa Chic», de Portimão, por motivo de retirada.

Excelente local e muita clientela.

Rua Dr. António Candido—Portimão.

VENDE-SE ESTIVA COM FILETAGEM

Com edifício próprio, em Olhão, salão com capacidade para trabalharem 128 mulheres, à bancada.

É a melhor casa no género em asseio e economia, óptima construção e muita acomodação para salgar peixe.

Tratar com: M. LADEIRA & C.ª, L.ª. Olhão

Resultados da II.ª jornada:

LUSITANO, 3 - Montemor, 2
Luso, 1 - Desp. de Beja, 1
Almada, 6 - Farense, 1
Olhanense, 2 - Montijo, 3
Portimon., 9 - S. Domingos, 1
Juventude, 0 - C.U.F., 1

Jogos para hoje:

LUSITANO - Farense
Portimonense - Juventude
Olhanense - S. Domingos
Almada - Montijo
Luso - Montemor
Desportivo de Beja - C. U. F.

Em Vila Real de Santo António

LUSITANO, 3 — MONTEMÓR, 2

Um problema difícil que o Lusitano resolveu em 16 minutos

Em virtude das chuvadas da semana, o rectângulo apresentava-se pastoso, escorregadio e com algumas faixas cobertas de água, que o terreno já saturado não fora capaz de absorver.

Quando uma partida de futebol se desenrola em campo desta natureza, o resultado da contenda deixa, automaticamente, de estar subordinado às normais exigências de desempenho de um «onze», para ficar sujeito a outro conjunto de qualidades, requeridas pelo estado do terreno.

Desta feita, uma equipa de jogo habitualmente estruturada em toada de passagens curtas e rasteiras, à base de bom controle e toque de bola, experimenta, forçosamente mais dificuldades quando, nestas condições de terreno, tem de defrontar um adversário de jogo alicerçado na energia, velocidade e passagens compridas. E não é tarefa fácil, de um domingo para outro, alterar profundamente os processos de uma equipa que esteja, por sistema preconcebido ou por intuição natural dos seus elementos, habituada a determinado método de jogo. Eis o caso do União Sport de Montemor.

Não só pelas instruções que certamente receberam do seu treinador, mas também, e principalmente, porque as características dos seus elementos se ajustavam melhor às exigências do recinto, os vilarealenses adoptaram um processo de jogo que lhes garantiu uma preciosa vitória contra os guias da classificação, vitória essa que, a certa altura, afigurou-se-nos viesse a ser estrondosa. A 14 minutos do início, vencedores por 3-0, com duas oportunidades perdidas, tal indicava.

Processos diferentes

Os montemorenses, perfilhando o passe curto, com retenções de bola, paragens de jogo, entregas laterais e tentativas de progressão à base do drible, não conseguiram chegar às balizas contrárias em condições de êxito.

A contrastar com essa toada, os encarnados desenvolviam um jogo simplificado, mas terrivelmente prático, esquematizando figuras geométricas de segmentos compridos e perpendiculares.

Nos 16 minutos iniciais, o Lusitano mostrou como se joga futebol prático e incisivo num terreno ensoado de água. A bola girava, sem parar, entre os pés dos vilarealenses, com passagens feitas para a frente dos companheiros, por modo a estes as receberem já lançados. Assim se joga.

Mas, a partir desses 16 minutos, a partida foi, lenta mas progressivamente, mudando de feição, à medida que os vilarealenses foram abdicando daqueles predicados, a troco de correrias com a bola, sem destino nem utilidade (a bola deve ser passada e não «transportada», Reina!) alguns abusos de dribles (caso Rodolfo) e paragens desnecessárias (caso Padesca).

Dir-se-ia quererem, pelo cínico método da diferença, tirar a contraprova

Grupo Columbófilo Guadiana

Vila Real de Santo António

AVISO CONVOCATÓRIO

E' V. Ex.ª convocado a assistir à Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 14 do corrente, pelas 21 horas, na sede do Lusitano Futebol Clube.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição de novos corpos gerentes para 1954-55.

Apresentação das contas referentes a 1952-53.

Distribuição de prémios da campanha anterior.

Nos termos do Art. 26.º do Estatuto Único, esta Assembleia funcionará com 1/5 dos sócios.

Se na hora mencionada não estiver presente este número, a Assembleia funcionará uma hora depois com os sócios que estiverem presentes.

Vila Real de Santo António, 5 de Dezembro de 1953.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) João Aguilera dos Santos

do sistema empregado de começo, demonstrando a sua eficácia, e simultaneamente, a esterilidade do segundo sistema.

A viragem

À passagem do vigésimo terceiro minuto, um tiro de Alonso, que Balbino deteve bem, foi o sinal de viragem da faceta do encontro. Os visitantes começaram a tornar-se mais ameaçadores que até aí, mas os locais continuaram a criar melhores ocasiões de tento.

Regista-se, então, uma soberba jogada, entre Antunes e Almeida, que o primeiro aproveita para disparar, sem preparação, um fortíssimo remate que saiu a poucos centímetros do poste. Teria sido um dos chamados golos de bandeira, que serviria de galardão ao correcto e voluntarioso avançado-centro lusitanista, como recompensa do seu bom trabalho no pleito que nos vimos referindo.

A poucos segundos do fim da primeira parte, Alonso avançou pelo meio do terreno, depois de um passe em profundidade que colheu Jorge excessivamente adiantado, endossando rapidamente a Frazão, que diminuiu o resultado para 3-1.

A segunda parte pode ser dividida em dois trechos: Um de 30 m., em que se registou equilíbrio territorial, mas no qual o Lusitano perdeu quatro oportunidades (aos 17, 21, 25 e 29 minutos) e outro dos 15 minutos finais, em que os jogadores vilarealenses revelaram bastante cansaço, enquanto os visitantes cresciam claramente em demanda do empate.

O drama do derradeiro quarto de hora

Quando, na marcação de um canto aos 82 m., Balbino deixou cruzar a bola em frente de si e Rodolfo, precipitadamente, a introduziu nas próprias balizas, sentimos esboçar-se uma reviravolta dramática do marcador.

Pascoal, a seguir, tem a baliza à sua mercê mas atira por cima da barra e, pouco depois, obriga Balbino a socar o esférico para canto.

Os visitantes apertavam o cerco e a defesa local desconjuntava-se, cedendo claramente, em especial, pelo flanco direito.

Um cruzamento da esquerda encontra Frazão completamente à vontade mas a oportunidade não é aproveitada. Depois, é Alonso que perde outra ocasião de marcar.

Quando o sr. Libertino Domingues deu por finda a partida, os adeptos do Lusitano, descoloridos, respiraram fundo. O Montemor, apesar de batido, foi um adversário difícil que lutou com tenacidade, de princípio ao fim.

A sua defesa, sobretudo no primeiro tempo, pareceu-nos frágil. Marcando com muita folga e pouco rápida sobre a bola. Mas, não o esqueçamos, a defesa dos alentejanos é a que tem sofrido menos golos na sua série.

Portanto: Má tarde ou apenas virtudes do quinteto algarvio?

O sector intermediário, com Gervásio e Pascoal, pareceu-nos o compartimento mais firme da equipa. A avançada revelou possuir conhecimentos do jogo e esquemas definidos.

O Lusitano fez o seu melhor jogo da época. Todos os seus elementos lutaram com uma energia inextinguível e um espírito de luta dignos de realce. Propositadamente, não fazemos referências individuais, para melhor darmos a ideia da unidade com que todos procuraram cumprir.

Lusitano—Balbino, Rui, Jorge, Reina; Rodolfo, Sanina; Almeida, Padesca, Antunes, Estêvão e Júlio.

Montemor—José Luis, Claro, Rita, Eminência; Gervásio, Pascoal; Frazão, Samuel, Alonso, Quim e Carmo.

L. C.

TRADUÇÕES

Comerciais, técnicas ou literárias, em Francês, Italiano, Inglês e Alemão. Rápidez, sigilo e preços módicos.

F. MORAIS RODRIGUES

R. Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

● FUTEBOL ●

A consagração de um ídolo

UM JOGADOR QUE HONRA O FUTEBOL ALGARVIO

Grazina recebeu no dia 8

o justo prémio duma carreira notável

Decorreu com muito brilho o Festival de Homenagem ao mais correcto e valoroso futebolista do Algarve, Manuel Grazina. Figura que nunca mais se apagará das memórias daqueles que amam o Desporto. Grazina ficará na memória de todos, como Albino, Gaspar Pinto, Peyroteo, Azevedo, Cardoso, Mourão e um Alberto Augusto.

Podemos afirmar sem desassombro que a nossa querida Nação também já teve futebolistas de grande classe, e Grazina ficará, pois, fazendo parte desses.

Grandes como o próprio Desporto, foram ídolos sem pés de barro, mereceram a aura de que gozaram. Por isso, foram e continuam...

Grazina, máximo na idade, e um grande artista deste palco da bola, pertence a esta mesma estirpe, nasceu com os sinais desta especial perenidade, reduzindo o termo a proporções terrenas e imediatas. Celebrar atleta tão cimeiro é, afinal, festejar o próprio Desporto. O próprio tempo serviu Grazina, oferecendo-lhe um dia propício para futebol, e por isso o campo encontrava-se completamente cheio.

Foi grande a festa, como todos pretendiam. Grazina pôde evidenciar uma vez mais que continua a ser o maior futebolista de todos os tempos. Honra, pois, o nosso futebol, aquele do Algarve.

E estiveram todos, afinal,—jogadores, público e crítica—que a função era de autêntica festa,—a Festa do Desporto Português.

O Estádio Padinha registou uma grande enchente,—compreensivelmente. Grazina merecia que assim acontecesse, e por outro lado o Olhanense-Belenenses era um cartaz digno de registo.

O Festival teve início às 13 horas. A Banda da Legião Portuguesa de Olhão abriu o Festival com uma série de músicas, e a seguir entrou no rectângulo os grupos que amavelmente acederam ao pedido da Direcção do Olhanense, os quais fizeram uma parada atlética, do melhor que temos presenciado nesta Província.

Apareceram à festa: Lusitano F. C. e Glória F. C., de Vila Real de Santo António, Portimonense Sporting Clube, Bonjoanenses, de Faro, Sport Lisboa e Faro, Sport Lisboa e Fuzeta, Lusitano Moncarapachense, Marítimo Olhanense, União Desportivo Farense, Estrela, de Olhão, Unidos, de Olhão, Vasco da Gama, de Olhão, Ginásio e Olhanenses, Sport Lisboa e Olhão, etc.... Pena foi a maneira como se portou a direcção do S. C. Farense que, numa festa de consagração ao maior futebolista algarvio, não se fez representar, o que deu nas vistas da multidão.

A seguir, entrou no campo o homenageado, junto de seus filhos, devidamente equipados, e o público tributou-lhe uma enorme salva de palmas. A seguir, entraram em campo as duas equipas que iriam jogar o encontro.

Seguiu-se a entrega de ramos de flores e de outros brindes, destacando-se a oferta da Associação de Futebol de Faro. O sr. Dr. Luís Sabo começou a discursar em nome da Direcção Geral dos Desportos, Educação Física e Escolar, lendo o louvor concedido por aquela entidade ao homenageado; a seguir, discursou o sr. Dr. Torres Vieira que enalteceu as virtudes do futebolista Grazina, pedindo em seguida uma salva de palmas para o Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Cap. Maia de Loureiro, que se encontrava presente.

Falou, em nome da massa associativa do Olhanense, o conhecido desportista Manuel Jorge, sócio n.º 1 do clube, declarando que a visita do Belenenses só se tornou realidade graças ao sr. Ministro da Marinha.

Falou também o Presidente da Comissão Pró-Olhanense, Sérgio Frota, que, num discurso brilhante, fez alguns elogios ao homenageado.

Grazina por último agradeceu comovidamente a todo o público presente e a todos aqueles que não puderam assistir a colação preciosa que dispensaram à sua festa. Foi ele que entregou as medalhas comemorativas da sua homenagem.

Procedeu-se em seguida ao jogo, que tanto entusiasmo estava a causar, dado o bom comportamento dos azuis neste campeonato.

O Belenenses ganhou, merecidamente, por 7-2, e diga-se embora a má exibição dos locais, que o clube de Lisboa mos-

trou uma equipa poderosa e de uma forma excelente.

Arbitrou este encontro o sr. Paula de Carvalho, auxiliado pelos juizes de linha José Nunes e Joaquim Rosa, de Faro.

Distinguiram-se pelo Olhanense: Simões, Joaquim Paulo, Grazina e Tavares.

Por motivos profissionais não pôde dar o seu concurso o sr. Gameiro Pereira, Presidente da Comissão Central dos Arbitros, que estava convocado para arbitrar o encontro.

Não há dúvidas de que todos contribuíram para esta festa; mas não podíamos deixar de registar o sacrifício que alguns clubes «pequenos», quase desconhecidos, fizeram para contribuírem também para a grande festa em honra do nosso futebolista.

PELOS CLUBES

Acendendo a amável convite, fomos assistir, na sede do Sporting Clube Olhanense, à entrega da Sala dos Troféus, feita pela Comissão de Colaboração Pró-Olhanense à Direcção do Clube, depois de umas obras de restauro de Taças e Troféus e pintura e remodelação de toda a sala do primeiro andar da sede.

Gostosamente acedemos ao convite e fomos assistir a uma cerimónia simples, mas que por este facto não deixou de ser revestida de uma certa solenidade, por coincidir precisamente com o descerramento da fotografia do «simpatico» Grazina.

Usou da palavra o sr. José Sérgio Frota, em nome da Comissão, dirigindo-se ao sr. Ventura Manita da Cruz, Vice-Presidente da Direcção e ao número elevado de associados que se encontravam presentes, entre eles o sr. Roque Féria Ponce e o homenageado Manuel Grazina.

Depois de breves considerações, foi muito aplaudido pelos presentes e convidado o sr. Ventura Manita da Cruz, a descerrar a fotografia de Grazina, que se encontrava coberta com uma bandeira do Clube, momento em que a assistência delirou com outros vibrantes aplausos.

Ficámos de certo modo deslumbrados com a disposição e ornamentação das Taças e Troféus expostos e não podemos deixar de registar aqui a obra já levada a efeito pela Comissão de Colaboração, da qual fazem parte os srs. José Sérgio Frota, Francisco da Encarnação Pina, José Parreira de Góis, Francisco dos Santos Masquette e José Mil-Homens, devendo todavia salientar-se que os principais obreiros foram os srs. Frota e Masquette, a quem, assim como aos restantes membros da Comissão, enviamos os nossos parabéns, incitando-os a continuarem a obra que, com o apoio absoluto da Direcção do Clube, se propuseram levar a efeito, para o engrandecimento do S. C. O.

Os membros da Comissão têm sido muito felicitados pela enorme quantidade de pessoas, sócios e simpatizantes do clube, que diariamente visitam a sala.

* * *

Digno de registo o gesto do organizador da parada atlética para Guarda de Honra ao atleta Grazina, colocando à frente da mesma os estandartes dos Clubes de Vila Real de Santo António, Lusitano Futebol Clube e Glória Futebol Clube.

Associação de Futebol do Algarve

No passado dia 8, realizou-se, na capital do Distrito, um banquete em honra do sr. Capitão Maia de Loureiro, o qual foi presenciado por altas entidades civis e militares.

O sr. Presidente da Federação inaugurou as novas instalações da sede da Associação de Futebol de Faro, discursando, onde foi alvo duma enorme salva de palmas. Em nome da cidade de Silves, discursou o sr. Dr. José Júlio, e pela Associação, falou o sr. Dr. Torres Vieira.

O Olhanense encontrava-se também representado pelo Secretário Geral e pelo Vice-Presidente.

H. V.

OLHANENSE, 2 — MONTIJO, 3

Tarde Infeliz de Abraão

Jogo em Olhão, no Estádio Padinha, pelas 15 horas, e arbitrado pelo sr. José Serandeez, da Associação de Futebol de Lisboa.

O futebol de hoje é assim mesmo. A bola é redonda e por vezes caprichosa, mas desta vez ganhou o melhor, aquele que jogou sempre com vontade, brio e desejo enorme de chegar adiante ao esférico. O encontro pode resumir-se de domínio absoluto do Montijo, embora o clube local tivesse também praticado bom futebol nos primeiros 15 minutos, tempo que aliás, durou a preparação.

A táctica usada pelo Olhanense não estava de harmonia com a péssima qualidade do terreno, pois jogavam a bola pelo chão em passos curtos. Claro, que assim a defesa contrária tinha sempre grandes probabilidades.

A muita gente poderá ter causado estranheza que o Montijo viesse ganhar a Olhão, e por isso nós afirmamos que foi justíssima esta vitória, embora o golo que lhes ditou o triunfo tivesse nascido dum «fora de jogo», não assinalado pelo juiz de linha, e marcado no último meio minuto da partida, e quando o público se ia chegando para a porta da saída. Podemos também dizer que o factor sorte esteve sempre do lado dos visitantes. Temos também que atribuir o resultado à má actuação dos visitantes, especialmente ao guarda-linha Abraão, que, numa tarde infeliz, foi o causador de dois golos. Com tantas pretensões que o clube tinha, tudo se perdeu, e só lhe resta, agora, uma classificação digna e em harmonia com a classe do grupo. O Olhanense tem este ano a melhor formação dos três anos que disputa a II Divisão, mas falta-lhe a preparação física, o que é notória de jogo a jogo. De lamentar que o clube num só jogo tivesse sofrido tantos golos, como em dez jogos.

O melhor sector do Olhanense foi os três defesas, destacando-se com todo o merecimento o jovem Tavares, como bom batalhador e energia até ao fim. Nos médios, Grazina voltou a ser a figura saliente destacando-se pelo seu esforço e pela maneira como desarmava os avançados.

Os argentinos jogaram muito abaixo das possibilidades, pecando pela maneira como jogam, agarrando-se demais ao esférico. Notámos também que em terreno molhado os argentinos perdem muito do valor que têm.

Simões pode considerar-se o melhor homem em campo, e parece-nos que está a melhorar. E' sem dúvida um valor de futuro, e a ele se deve a marcação dos dois golos, obtidos por Del Duca.

A arbitragem pode considerar-se boa, mas pecou terrivelmente numa só coisa: Deixar passar o fora de jogo, que aliás a culpa não é só para ele, e sim para o juiz de linha.

Esperamos, pois, ver o clube no próximo domingo contra o S. Domingos, com mais vontade, o que é indispensável.

H. V.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	11	8	1	2	26	6 17
C. U. F.	11	8	1	2	22	18 17
Portimonense	11	7	2	2	28	18 16
Olhanense	11	7	—	4	16	6 14
Juventude	11	5	8	3	13	11 18
Sporting Farense	11	4	8	4	14	26 11
Desp. de Beja	11	4	3	4	15	20 11
Almada A. C.	11	4	2	5	19	19 10
Montijo	11	4	—	7	21	19 8
LUSITANO	11	8	1	7	14	17 7
Luso	11	1	2	8	11	29 4
S. Domingos	11	2	—	9	8	40 4

Carlos Camacho Júnior

ENGENHEIRO

Porto, 22 de Fevereiro de 1950

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

A seu pedido e também porque é com prazer que o faço, venho confirmar a opinião aí expandida, de que a sua casa é um modelo de acolhimento familiar, excelentemente organizada, superiormente dirigida, onde tudo se encontra no seu lugar, asseada e com um pessoal delicado. A mesa é excelente primando pelos hors d'oeuvres inimitáveis, podendo pois recomendar-se afoitamente, sem receio de se ficar mal.

Creia-me sempre cliente nas minhas digressões a essa terra agradável e receba os meus cumprimentos afectuosos.

a) Carlos Camacho Júnior

Engenheiro

O SENHOR VENTURA

UM ÊXITO TEATRAL